



# monumentos

25

Revista Semestral de Edifícios e Monumentos · SETEMBRO 2006

monumentos. Publicação técnico-científica, de periodicidade semestral, destinada à divulgação e valorização do património construído, através de estudos de história da arte e da arquitectura e de trabalhos de profissionais das áreas da salvaguarda e reabilitação patrimoniais.

Para além dos diversos artigos integrados nas rubricas *Dossiê* e *Vária*, constituem secções permanentes: *Inventário do Património Arquitectónico*, *Intervenções no Património*, *Cursos*, *Conferências e Colóquios*, *Exposições e Publicações*.

1  
DOSSIÊ · PRAÇA DO COMÉRCIO  
ESGOTADO. DISPONÍVEL EM CD-ROM

2  
DOSSIÊ · MOSTEIRO DE SÃO VICENTE DE FORA  
ESGOTADO. DISPONÍVEL EM CD-ROM

3  
DOSSIÊ · CONVENTO DE SÃO GONÇALO DE AMARANTE  
DISPONÍVEL EM CD-ROM

4  
DOSSIÊ · PALÁCIO NACIONAL DE BELEM

5  
DOSSIÊ · FORTALEZA DE SÃO JOÃO BAPTISTA  
DE ANGRA DO HEROÍSMO  
ESGOTADO

6  
DOSSIÊ · PAÇO DUCAL DE VILA VIÇOSA  
ESGOTADO

7  
DOSSIÊ · PALÁCIO FRONTEIRA  
ESGOTADO

8  
DOSSIÊ · UNIVERSIDADE DE COÍMBRA

9  
DOSSIÊ · MOSTEIRO DA SERRA DO PILAR  
ESGOTADO

10  
DOSSIÊ · CONVENTO DA CARTUXA DE EVORA

11  
DOSSIÊ · PALÁCIO FOZ

12  
DOSSIÊ · MURALHAS E CENTRO HISTÓRICO DE VALENÇA  
DISPONÍVEL EM CD-ROM

13  
DOSSIÊ · SÉ DE VISEU E ENVOLVENTE  
DISPONÍVEL EM CD-ROM

14  
DOSSIÊ · PAÇO EPISCOPAL DO PORTO E ENVOLVENTE  
DISPONÍVEL EM CD-ROM

15  
DOSSIÊ · CONVENTO DAS COMENDADEIRAS  
DE SANTOS-O-NOVO  
DISPONÍVEL EM CD-ROM

16  
DOSSIÊ · BASÍLICA DA ESTRELA  
DISPONÍVEL EM CD-ROM

17  
DOSSIÊ · IGREJA E CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DE EVORA:  
Evolução do sítio do século XIII ao século XIX;  
A reconstrução tardo-medieval da igreja; ...*Na maneira de  
Sam Francisco d'evora*: acasos e fortuna de um modelo uni-  
versal; Em torno da arquitectura claustral; A Casa dos Ossos;  
Francisco Henriques e a magna fábrica dos retábulos do  
mosteiro (1509-1511); As empreitadas manuelinas na deco-  
ração; Azulejos e outras artes; Os retábulos da Capela da  
Ordem Terceira; O órgão da igreja; Gómez Fernandez e a  
Horta do Paço *a-par-de* São Francisco; Leitura do espaço  
urbano envolvente; A igreja e a Galeria das Damas. O que  
resta de um paço real; Invenções da DGEMN. *VÁRIA*: Inter-  
venção nos arcos do coro-alto da Igreja Matriz de Ponte da  
Barca e da Igreja do Pópulo, Braga; Um tecto quinhentista  
na capela-mor da igreja do Convento de Santa Marta, Lis-  
boa; Reabilitação do troço sul/nascente do caminho-de-

-ronda do Castelo de São Jorge, Lisboa; A divulgação de um  
"tesouro" catedralício.  
DISPONÍVEL EM CD-ROM

18  
DOSSIÊ · MOSTEIRO DE SANTA CLARA-A-NOVA DE COÍMBRA:  
Coimbra: caracterização da margem esquerda; O mosteiro  
velho de Santa Clara; Esboço sobre a vida e obra da rainha  
Santa Isabel; A construção do novo mosteiro; [Não] São  
*rosas*, *Senhor*, sobre as obras do claustro; As inscrições fune-  
rárias do coro-baixo (1629-1744); A talha; Os painéis da  
capela-mor da igreja; uma atribuição a Vincenzo Bacherelli  
(1672-1745); A pintura mural da igreja; Os legados da Rai-  
nha Santa: notas para um percurso museológico; Santa  
Clara-a-Nova: reabilitação e diagnóstico; O emergente pólo  
de Santa Clara. *VÁRIA*: Pinturas fundais e falsos interiores;  
decorações pictóricas integrais de Pasquale Parente; Torre de  
menagem, Castelo de Pombal; um olhar (in)discreto; Mos-  
teiro de Santa Maria de Semide; reabilitação e requalifica-  
ção; A Academia das Ciências de Lisboa: plano director.  
DISPONÍVEL EM CD-ROM

19  
DOSSIÊ · SÉ DO FUNCHAL: O sítio da Sé; A construção da Sé;  
*A ordem de uma geral maneira* de edificar; Los grabados de  
Van Meckenem en la Catedral de Funchal; A face interior da  
porta. Um exemplo da importância da carpintaria mudéjar;  
Estrutura e decoração dos tectos de alfarge; O retábulo-mor  
da Igreja Grande do Funchal; Apontamentos acerca do  
cadeiral; Os autores do retábulo e cadeiral (1514-1516);  
A azulejaria; Epigrafia e iconografia na Igreja de Santa Maria  
Maior do Funchal; A pintura mural no pátio de acesso à Sala  
do Cabido; Conservação preventiva da Sala do Cabido; Da  
Sé ao Casino. O eixo histórico de crescimento do Funchal;  
Degradação e patologias da pedra natural; Sé do Funchal:  
intencões e intervenções. *VÁRIA*: São Salvador de Bravães e a  
cronologia da pintura mural portuguesa da Idade Média;  
Análise do comportamento da Ponte da Lagoncinha; Con-  
vento de Santa Clara do Funchal.  
DISPONÍVEL EM CD-ROM

20  
DOSSIÊ · CONJUNTO MONUMENTAL DA MATA DO BUÇACO: A  
cerca: uma paisagem entre o sagrado e o profano; A relevante

# monumentos

25

**Revista Semestral de Edifícios e Monumentos** · SETEMBRO 2006



**DIRECÇÃO-GERAL DOS EDIFÍCIOS  
E MONUMENTOS NACIONAIS**

Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional

DIRECTORA

Margarida Alçada

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Alves Costa  
Augusto José Marques da Costa  
José Eduardo Horta Correia  
José Fernando Canas  
José Manuel Fernandes  
Lúcia Rosas  
Rafael Moreira  
Raquel Henriques da Silva  
Vitor Serrão

COORDENAÇÃO

Andrea Cardoso

REDACÇÃO

Maria João Reis Martins  
Paula Tereno

TEXTOS

Ana Paula Rebelo Correia  
Berta Duarte  
Carla Alexandra Gonçalves  
Cristina Castel-Branco  
Hélia Silva  
Jorge Figueira  
José António Bandeirinha  
José Manuel Fernandes

José Santiago Faria  
Luísa Cortesão  
Luísa Trindade  
Maria de Lurdes Craveiro  
Marta Macedo  
Nuno Ribeiro Lopes  
Paula Noé  
Pedro Alarcão  
Raquel Henriques da Silva  
Rodrigo Marques  
Rui Lobo  
Rute Figueiredo  
Vitor Serrão  
Walter Rossa

ABSTRACTS

Cintia Pereira de Sousa

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Direcção-Geral dos Edifícios  
e Monumentos Nacionais  
Praça do Comércio, Ala Oriental,  
2.º Andar  
1149-005 Lisboa  
Redacção: 21 881 70 42/45  
Assinaturas: 21 881 70 49  
Fax: 21 888 02 49  
E-mail: monumentos@gmail.com  
Internet: www.monumentos.pt

DESIGN

TVM Designers

EXECUÇÃO GRÁFICA

Textype

DISTRIBUIÇÃO

HT - Distribuição e Comercialização  
de Produtos Culturais, Lda.

Periodicidade Semestral

Preço por número: 15 € (IVA incluído)

Tiragem: 5000 exemplares

ISSN: 0872-8747

Depósito Legal n.º 79253/94

Os artigos são da inteira responsabilidade  
dos respectivos autores.

Os textos e as imagens desta publicação  
não podem ser reproduzidos sem  
autorização prévia da Direcção-Geral dos  
Edifícios e Monumentos Nacionais.

# monumentos

CAPA

Coimbra, Colégio das Artes,  
capitel do refeitório.  
DGEMN. Luís Ferreira Alves. 2006

## DOSSIÊ: Coimbra, da Rua da Sofia à Baixa

- Nuno Ribeiro Lopes 10 **Onde pára a Sabedoria? Propostas estratégicas para a candidatura da Universidade de Coimbra a Património Mundial**
- Walter Rossa 16 **a Sofia: primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade portuguesa**
- Rui Lobo 24 **Rua da Sofia: um *campus* universitário em linha**
- Rui Lobo 32 **Os colégios universitários de Coimbra: enquadramento na arquitectura universitária europeia e seriação tipológica**
- Maria de Lurdes Craveiro 46 **O Colégio das Artes**
- José Manuel Fernandes 54 **Do Colégio das Artes, à Rua da Sofia: novas modernidades no espaço urbano de Coimbra**
- Rute Figueiredo 58 **Arquitectura judicial: o Palácio da Justiça de Coimbra**
- Maria de Lurdes Craveiro 68 **O Colégio da Sapiência, ou de Santo Agostinho, na Alta de Coimbra**
- Hélia Silva 76 **Estuques maneiristas do Colégio de Santo Agostinho ou da Sapiência: apontamentos para o seu estudo**
- Carla Alexandra Gonçalves 86 **Os retábulos de pedra dos colégios da Rua da Sofia**
- Vítor Serrão 92 ***Pittura senza tempo* em Coimbra, cerca de 1600: as tábuas de Simão Rodrigues e Domingos Vieira Serrão na sacristia da Igreja do Carmo**
- Ana Paula Rebelo Correia 108 **Um ciclo do profeta Elias no claustro do Colégio de Nossa Senhora do Carmo. Contributo para o estudo iconográfico**
- Marta Macedo 122 **A conquista do terceiro espaço: uma abordagem ao ensanche oitocentista de Coimbra**
- José Santiago Faria 130 **A Rua da Sofia e os estudos urbanísticos para a Baixa de Coimbra**
- Jorge Figueira 138 **No lugar da "Avenida Central"**
- José António Bandeirinha 146 **1131-1993, as duas datas de um projecto. Fernando Távora, Santa Cruz e o Largo de Sansão**
- Berta Duarte 154 **Núcleo Museológico da Cidade Muralhada: contributo para o estudo da muralha de Coimbra**
- Raquel Henriques da Silva 160 **O museu do Edifício Chiado: colecção Maria Emília e José Carlos Telo de Moraes**
- José Manuel Fernandes 164 **Dois obras do início do século XX na entrada de Coimbra: do Hotel Astória à Casa Ângelo da Fonseca**
- Cristina Castel-Branco 170 **Os jardins de Coimbra, um colar verde dentro da cidade**
- 186 **Bibliografia**
- 188 **Inventário do Património Arquitectónico**
- VÁRIA
- Paula Noé 198 **As igrejas de Misericórdia do distrito de Coimbra. Ensaio de classificação tipológica**
- Pedro Alarcão 208 **Conservação e valorização em Conímbriga: projectos e obras**
- Luísa Trindade, Rodrigo Marques, Luísa Cortesão 214 **Um sedimento, uma ruína, um projecto: o Paço dos Vasconcelos, em Santiago da Guarda**
- Ana Paula Rebelo Correia 226 **Um retrato real nos jardins do Palácio Fronteira**
- 234 **Intervenções no Património**
- 236 **Cursos/Conferências/Colóquios**
- 238 **Publicações**

# O Colégio das Artes

MARIA DE LURDES CRAVEIRO

A transferência definitiva da Universidade para Coimbra em 1537 justifica-se no âmbito do processo da centralização régia. O acompanhamento eficaz das exigências levantadas pela máquina administrativa do país, obrigada a cobrir a vasta área de um império constantemente ameaçado, impunha então a modernização das estruturas académicas. Nesse projecto gigantesco que implicava a reordenação da estrutura física e mental da cidade, e no desenvolvimento de todos os ensaios levados a cabo pelo Mosteiro de Santa Cruz, a Universidade e os colégios implantados ao longo da Rua da Sofia teriam um papel determinante.

Com uma estrutura académica que coloca o Colégio das Artes na base, porque por ele devem primeiro passar os estudantes que, munidos do diploma passado pelo principal, se podem então apresentar aos cursos universitários maiores, os colégios monásticos constituem uma unidade religiosa vocacionada para o ensino. A Universidade organiza e desenvolve uma atmosfera de intensa rivalidade entre as ordens religiosas, em que se demarca o Colégio das Artes, a entidade laica por excelência da estrutura colegial, que não deixa de assumir idêntica articulação de espaços que incorporam as vertentes religiosa, lectiva e de habitabilidade.

É no espaço ocupado pelos colégios crúzios de São Miguel e de Todos-os-Santos que se acolhe o Colégio das Artes, a partir de 1548. A definição rigorosa dos dois primeiros colégios perdeu-se para sempre na exaltação das reconstruções posteriores. No espaço entretanto ampliado, a organização forjada pela Inquisição vem impulsionar profundas alterações, quer na redefinição das áreas habitadas, quer no capítulo da circulação imposta, quer ainda na mudança radical de uma atmosfera lectiva e de saber para a esfera da repressão, bem evidenciada no conjunto das plantas elaboradas para a Inquisição, em 1634, pelo arquitecto Mateus do Couto.

A 9 de Setembro de 1547, o rei escrevia aos crúzios pedindo-lhes emprestados os dois colégios de São

Miguel e de Todos-os-Santos para aí instalar o Colégio das Artes, enquanto não (...) *forem feitas as casas que de nouo ey de mandar ffazer pera o dito Collegio (...)*<sup>1</sup>, que foi dotado de regulamento nesse mesmo ano<sup>2</sup>. Era o culminar de uma etapa no longo processo feito de hesitações e reajustamentos sucessivos quanto à geografia dos espaços destinados à universidade. À luz da hipótese de trabalho avançada por Walter Rossa para a interpretação da Rua da Sofia, a Universidade instalar-se-ia ao longo da rua aberta sob a tutela do Mosteiro de Santa Cruz, organizada em unidades colegiais de grande coerência formal e numa dimensão programática modularmente repetida<sup>3</sup>. Estaria, porventura, em preparação um grande projecto, nunca realizado, que haveria de passar não apenas pelo Colégio das Artes, mas por toda uma nova acomodação da Universidade. Extinto o priorado-mor de Santa Cruz, em 1543, o rei permitia-se ainda a tutela do mosteiro e a ingerência nos seus espaços privados.

## Colégio das Artes

**Colégio das Artes represents both a renovated university structure that emerged from the royal will to modernise schools, and a centralising action that turned the college into the foundation of a new scientific organisation. This trend, that can be found elsewhere in 16th-century enlightened Europe, attracted refined humanist intellectuals to Coimbra. Despite the conflicts that ensued from the emergence of the Counter-Reformation movement in Portugal, King D. João III engaged the services of Principal André de Gouveia, who brought from the Bordeaux College an updated strategy for teaching the Humanities. Colégio das Artes initiates its academic journey in 1548 in *rua da Sofia*, establishing a new construction programme adjusted to a lay structure with access to university courses. It then comprises two distinct patios with superimposed galleries by João de Ruão and Diogo de Castilho. Colégio das Artes was placed under Jesuit control for a short period, after which it was handed over to the Inquisition, of which it still bears an imprint today.**

1 | Coimbra, Colégios de São Miguel e de Todos-os-Santos, pormenor do desenho do Largo de Sansão, executado por José Carlos Magne, 1796.



A conjugação concertada entre o incremento dos estudos no âmbito do Mosteiro de Santa Cruz e a implantação da Universidade, cuja transferência Frei Brás ainda deveria manter *em segredo* em Março de 1536<sup>4</sup>, são marcas evidentes dos critérios dirigistas de que o rei não abdica. O mosteiro pactuou com uma esfera de colaboração forçada, porventura, também pela ilusão de um possível papel controlador do ensino na cidade. Em 1544, a transferência de todos os estudos para a parte Alta transformou-se numa decisão irreversível, deixando vagos os colégios de Santa Cruz e anulando de vez as expectativas dos crúzios quanto à eventual liderança neste processo. Pouco mais do que um cargo honorífico, restava ao prior a dignidade de cancelário da Universidade.

Para assegurar a direcção do núcleo das Artes, remando contra uma cultura pedagógica instalada e dominante, o monarca atreveu-se a chamar uma figura prestigiada, mas também rodeada por uma aura difamatória, em grande parte promovida por seu tio Diogo de Gouveia (o velho): André de Gouveia<sup>5</sup>. Em 1544, os ódios e as dissidências iam já tão longe que o tio acusava o sobrinho de não saber Teologia, (...) *nem a quis nunca saber, e das artes nom he dignus* (...)<sup>6</sup>.

O alcance do acto político de D. João III no convite endereçado a André de Gouveia não pode entender-se se não for seguido o percurso individual do futuro e efémero principal do colégio que, enquanto principal do Colégio de Guyenne, adquire, na versão de Montaigne (jovem estudante ao tempo de André), o estatuto de maior principal de França<sup>7</sup>. Com efeito, a deslocação de André de Gouveia de Paris para Bordéus (onde chegaria a 12 de Julho de 1534<sup>8</sup>), substituindo aqui o polémico Jean de Tartas, indicia duas vertentes fundamentais: o público reconhecimento do português e a vontade deste em desvincular-se de Santa Bárbara e da área de influência do seu tio e da (...) *sua theologia sophistica que se aprende por Santancias e Durando, nos quaes por quanto eu nã quer perder meu tempo* (...)<sup>9</sup>. Nem mais nem menos do que a radical negação da Escolástica medieval condicionada à moldura das velhas fórmulas extraídas das *Sentenças* de Pedro Lombardo (c. 1100-1160) e desenvolvidas pelo franciscano John Duns Scotus (c. 1266-1308). Na “eterna” questão teológica do equilíbrio entre as matérias da Razão e da Fé, a rebelião aberta de André de Gouveia condenava a facção conservadora instalada em Paris e dava força a uma outra visão que integrava o divino na esfera da interpre-

tação humana. A Razão “adoptada” pela Teologia ganhava, assim, uma energia tendencialmente perigosa para as estratégias obsoletas do ensino e da cultura. O convite de D. João III ao humanista para Coimbra tem, necessariamente, de ser entendido como a determinação régia em aproveitar esta força a reter com carácter institucionalizado no Colégio das Artes<sup>10</sup>. A estrutura física que André de Gouveia teria ajudado a cristalizar em Bordéus desapareceu engolida em construções posteriores, não sendo, assim, possível qualquer articulação com o modelo estabelecido no Colégio de Guyenne.

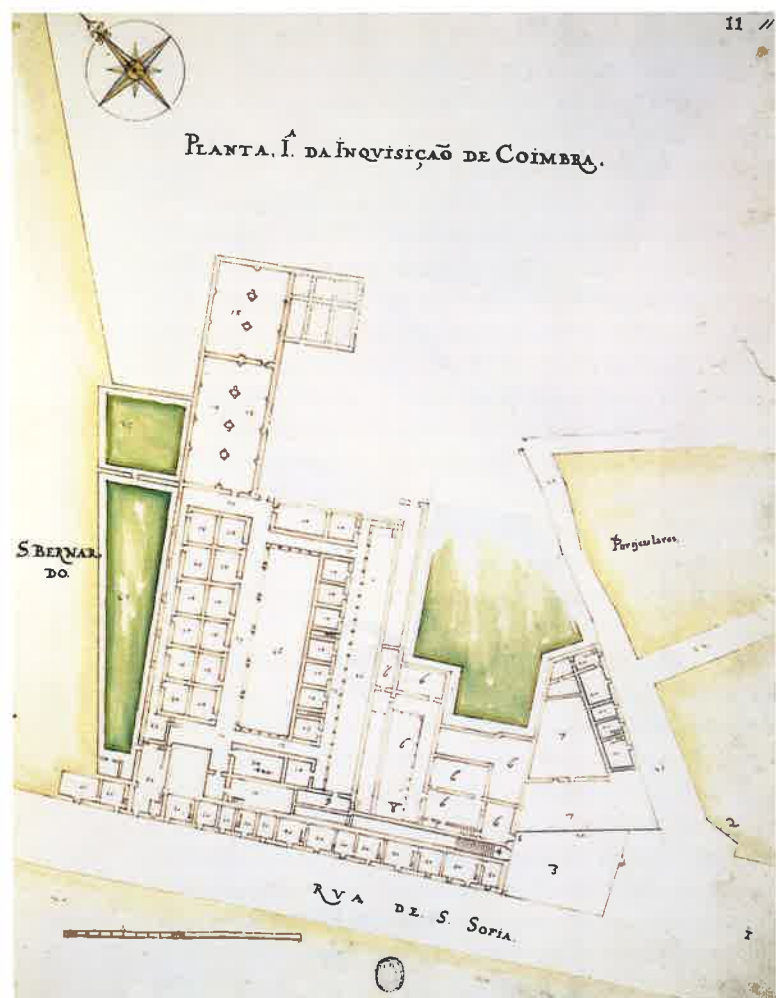
Para além do corpo docente formado em território francês (João da Costa, Diogo de Teive, António Mendes, o filósofo Nicolas de Grouchy, Guillaume de Guérente, Jacques Tapie, Arnaldo Fabrício, Elie Vinet, Patrício Buchanan ou o poeta escocês George Buchanan), outros professores engrossaram o contingente do colégio em ordem à definição de uma moldura lectiva de eficácia e de credibilidade<sup>11</sup>. A constituição de um espaço cultural onde se concentrassem as expectativas, uma instituição de ensino articulada com a nova fundação da Universidade, que rivalizasse com as suas melhores congéneres europeias e que fosse capaz de atrair a Portugal a juventude que antes se habituara a procurar formação no estrangeiro, foram os ingredientes sugestivos que promoveram o superior interesse régio no Colégio das Artes. Os primeiros estatutos, de 1547, seguiram o modelo do colégio de Bordéus, proclamando também o seu carácter trilingue, uma carga lectiva e obrigações estudantis intensas, a articulação religiosa e a independência do colégio face à autoridade do reitor da Universidade, situação que haveria depois de ser revista. Na realidade, uma peça fundamental da máquina que, (...) *Não nos aparece (...) como um instrumento de recuperação social, mas como um factor de promoção, em humanidade e cultura, das classes dominantes do laicado* (...)<sup>12</sup>.

Providenciaram-se os meios materiais para a sobrevivência do colégio e determinou-se a conquista do espaço físico de um edifício que albergaria mais de oitocentos estudantes passado menos de um mês da sua abertura (22 de Fevereiro de 1548) e perto de mil e duzentos no final do ano<sup>13</sup>. Depois da ocupação dos colégios crúzios, o colégio avançou então pela Rua da Sofia para norte e para nascente, ganhando progressivamente a encosta e expropriando casas e chãos. As obras decorreriam a expensas régias e o seu responsável seria Diogo de Castilho.

A 13 de Março de 1548, pela tão divulgada carta de André de Gouveia, o principal queixava-se ao rei e insurgia-se contra os pareceres negativos de João de Castilho e de Miguel de Arruda, relativos ao projecto elaborado por João de Ruão: (...) *bem sei que todos elles entendem tam pouquo em fazer collegio como o eu quero & deue de ser como aquelles que nunca fizerã outro senã para frades & tam bem para darem a entender que sabem mais que os outros sempre hã de folgar de desmanchar (...) nã sabem que cousa he collegio (...)*<sup>14</sup>.

Tudo o que é possível extrair das palavras desoladas de Gouveia é que o projecto de João de Ruão contemplava uma construção de (...) *implicações humanísticas (...)*, mudando (...) *o tradicional partido do claustro monástico com contrafortes, por um esquema mais livre, de modelo serliano, em 'loggias' sobrepostas (...)*<sup>15</sup>: (...) *nã se espante V A das duas varandas & cameras huã em cima da outra p<sup>o</sup> que asy sã todos os collegios em frança & mais o lugar he tã pequeno que me he necessario fazer apousentos pllo de cima & a gente he tanta que quer entrar dentro que nã sei se terei lugar para agasalhar a metade (...)* & *se mas Repartem outramente nã me Remedeã a muytas cousas que se nã podem por pena dizer mas se eu esteusse presente eu lhas dar (...)* a entender. *dizem que nã querem Refeitório tamanho & eu fino me por que he tã pequeno por que nã poso asentar mais de 300 ate 350 p<sup>as</sup> que he Riso para a gente que quer*

2 | Inquisição de Coimbra, planta executada por Mateus do Couto, 1634.



*entrar por onde ei de ser constrangido a fazer ainda hum outro dizem que nã querem igreJa tamanha & que en cima della nã hã dauer alguã cousa digo que essa gente quer que faca aedifícios no aar & que minhas ouelhas ouça misa huas en cima das outras digo aedifícios no aar por que nã tenho lugar onde lançe huã liuraria comuã do collegio nem menos apousentos para se mudarem os enfermos & por que tudo isto he cousa muyto quieta e sem riso os ponho em cima da igreJa (...)*<sup>16</sup>.

Os aspectos revolucionários deste projecto não se cingiam ao modelo construtivo, mas a toda uma nova concepção de orgânica espacial. É um momento em que, declaradamente, o profano se sobrepõe ao sagrado. Com a livraria e a enfermaria colocadas acima da igreja, superavam-se as dificuldades ligadas à exiguidade do espaço mas, sobretudo, dava-se cumprimento a uma concepção humanista de que a arquitectura deveria ser o principal veículo.

Em rigor, não foi ainda possível determinar se foi este projecto, tão acaloradamente defendido por André de Gouveia<sup>17</sup>, o seguido nas obras que se sucederam a 1548. O que é hoje evidente, a partir de recolha documental e das conclusões extraídas das incompletas campanhas de reabilitação do espaço levadas a cabo pela Câmara Municipal de Coimbra, em 2001-2002, é que o projecto para o Colégio das Artes nunca seria concluído.

Em finais de 1548, Diogo de Castilho inicia a construção do grande bloco que ficaria conhecido por “lanço novo”<sup>18</sup>. Da Rua da Sofia, conquistando terreno para nascente, o “lanço novo” define a regularização dos espaços e organiza os dois pátios que parcialmente ainda se conservam. Nele se haveriam de construir a igreja e as classes novas, como parece deduzir-se da nota dos espaços entregues pela Companhia de Jesus à Inquisição<sup>19</sup>. A livraria e a enfermaria, no caso do projecto de João de Ruão ter sido seguido, situar-se-iam acima da igreja e ocupando, porventura, uma área extensa e impossível de delimitar. Com a fachada da igreja virada à Rua da Sofia ficava marcada a vertente do humanismo cristão que as ordens assumiriam ao longo da rua.

O “lanço novo” projecta-se para nascente, ganhando, em cota superior, a componente lectiva no piso térreo do pátio poente. Pela empreitada iniciada em 1548 constituiu-se um pátio interno com colunata regular, pelo menos em três lados (norte, nascente e poente), da qual restam, com amputações, os lados norte e nascente. A ala poente era igualmente servida por colunata, como o prova a coluna jónica de canto que se pode observar num saguão com acesso pela Rua da Sofia<sup>20</sup>. A galeria do lado norte, o mais preservado, compunha-se de seis tramos, com arcos geminados e contrafortes salientes e interrompidos à altura dos capitéis. Nenhum vestígio indicia a constituição de abóbada a cobrir as galerias, embora a presença dos contrafortes lance a suspeita de que poderiam ter sido dotadas de uma cobertura abobadada de berço, à semelhança da que, pela mesma altura, se andava a fazer,



3 | Coimbra, Colégio das Artes, galeria do "lanço novo".



por exemplo, no claustro do Colégio da Graça. Os eventuais registos dos arranques das abóbadas desapareceram “engolidos” pelas obras posteriores. Internamente encontra-se o grande bloco que a Inquisição dividiu em doze celas regulares (com correspondência no piso superior) e que, no Colégio das Artes, era espaço lectivo e corresponderia aos seis gerais definidos em Março de 1549.

O piso superior desta ala do pátio interno encontra-se hoje completamente desvirtuado. Seria dotado com colonata, agora arquivada, formando uma varanda com cobertura de madeira que dava acesso às câmaras de dormir. Os dormitórios, que se conhecem em vários documentos nos pisos elevados do “lanço novo” a abranger os dois pátios, com toda a probabilidade se alargariam também a outras zonas altas (designadamente nas outras alas do pátio interno) dos antigos espaços crúzios, hoje de difícil reconstituição. O telhado de duas águas que abrangia todo o bloco, e que aparece desde as obras de reconversão deste espaço em 2001-2002, claramente marcado no bloco que se forma a nascente, situava-se a um nível mais baixo.

Em 1551 trabalhava-se no lanço que albergaria a sala das disputas e actos públicos<sup>21</sup>, presumivelmente o bloco a nascente do pátio interno que dividiria os dois pátios. A quadra sul deste pátio poente seria coerentemente dotada do mesmo tipo de arcaria que a Inquisição subverteu pela construção do corpo de celas (cujas fundações foram recuperadas), que tornou o pátio mais estreito e aumentado, no sentido do comprimento, essa colonata a sul para



4 | Colégio das Artes, galeria “fabricada” pela Inquisição.

formar o longo corredor das áreas dos pátios dos cárceres.

As colunas das alas nascente e poente, assim como a arcaria sul, indicadas nas plantas de 1634, correspondem a obra da Inquisição, feita nos últimos anos do século XVI ou princípios do século XVII, tal como o corpo de celas que se encontra a sul do pátio<sup>22</sup>. Para atender à população cada vez mais numerosa de presos, a Inquisição encurtou sucessivamente este pátio interno do Colégio das Artes. A nascente construiu-se então a arcaria paralela à de Castilho, sendo esta entaipada para formação de mais celas. Fizeram-se as colunas e os arcos mais simples e funcionais, sem os ornatos dos capitéis, como convinha aos corredores para presos.

Na interpretação da planimetria do pátio, Rui Lobo lança a ideia de (...) *um espaço quadrangular, com correspondência no pátio a nascente (...)*<sup>23</sup> e, na invocação de uma “arquitetura de programa” para a parte nascente da Rua da Sofia, Walter Rossa estabelece para o Colégio das Artes um vasto rectângulo de 30 por 48 braças (66 metros x 105,6 metros), no qual assenta a duplicação dos dois pátios a poente e a nascente<sup>24</sup>. Em qualquer dos casos, a regularidade espacial passa pela definição de um segundo pátio que nunca chegou a ser concluído.

O lanço norte do pátio interno projecta-se para nascente, formando como que uma ala independente e tendo ao nível do piso térreo, no sentido longitudinal, grossos pilares compostos com capitéis jónicos estriados e com uma decoração mais cuidada do que

5 Colégio das Artes, capitel jónico da galeria do "lanço novo".



parece à primeira vista. No piso inferior deste corpo, que foi parcialmente aproveitado pela Inquisição para a zona do tormento (onde ainda se encontra a argola sugestiva da função), identifica-se o (...) *refeitório muy grande* (...) <sup>25</sup> que se entregava aos Jesuítas em 1555. O refeitório e as cozinhas próximas afastavam-se do bulício dos recintos lectivos e assentavam nos pisos térreos de uma fortíssima infra-estrutura de grossos pilares, compostos com os capitéis jónicos estriados, estabelecendo uma rede regular de arcos cruzados e capaz de suportar o edifício de mais dois pisos que aí assentava. Por outro lado, se se pensar que as entradas no colégio estavam condicionadas à Rua da Sofia e ao Terreiro de São Miguel, tendo como única alternativa o que viria a ser o futuro pátio dos inquisidores, e que, à entrada deste mesmo local, se situava, em 1634, o açougue, compreende-se que, também para o Colégio das Artes, a manutenção dos colegiais se processasse pela zona do pátio externo, não interferindo nas áreas mais resguardadas de ensino. Na proximidade de uma entrada mais discreta, as cozinhas e o refeitório absorviam directamente os produtos que aí chegavam para alimentar o colégio. Em 1634, a única entrada que se encontra para este espaço estabelece-se através de um corredor dos cárceres, já no pátio interno. Não se vislumbra qualquer entrada que dê para o pátio externo. A Inquisição, porque não precisava já de refeitório, desactivou-o, criando numa parte o tormento e abandonando, progressivamente, o restante espaço, de tal modo que acabou por ficar soterrado e com o pavimento a cerca de 2,30 metros do piso original, tal como se encontra hoje. A parede transversal que, em 1634, corta o espaço interno pode ter servido como divisória de duas áreas diferentes, ao mesmo tempo que servia de base de sustentação para as construções situadas acima.

No alçado sul do grande bloco do pátio externo, as transformações ocorridas tornam quase irreconhecível o alçado do Colégio das Artes. No alinhamento da colunata jónica do pátio interno, processava-se aqui uma sólida arcaria que se mantém e que suportava a estrutura das duas varandas formadas acima, apro-



6 Colégio das Artes, capitel do refeitório.

veitadas depois pela Inquisição como varandas dos aposentos dos inquisidores. Estes arcos simples de volta perfeita encontram, aliás, correspondência com os arcos formados no ângulo nordeste do pátio interno. Nos dois últimos pisos da fachada sul do pátio nascente, estariam então duas das três varandas referidas em 1555 e cujos indícios ainda se conservam, tanto pela denúncia das colunas patenteadas nas duas últimas plantas da Inquisição, como pelas colunas evidenciadas por sondagem aí realizada há alguns anos e que mostram a evidência da continuidade rítmica do lanço que se projecta desde o pátio interior. Com a projecção da escadaria a dar acesso ao corredor dos inquisidores no seu caminho para a Sala do Despacho, já virada à Rua da Sofia, o Colégio das Artes fica virtualmente descaracterizado. Mais tarde, a Inquisição fechará as arcadas, aumentando o espaço dos aposentos dos inquisidores e estabelecendo nova orgânica de circulação.

O que é possível interpretar a partir de sondagens localizadas é que, nos finais do século XVI ou princípios



7 Colégio das Artes, pilar com muro no segundo pátio.

do seguinte, a Inquisição promove a subida da cota do pátio externo (a cerca de 1,20 metros acima da cota das bases dos pilares interiores do refeitório), correspondente à projecção do corredor assinalado na planta do andar dos cárceres altos, que serve de sustentação às varandas superiores ligadas aos aposentos dos inquisidores. Antes de 1634, a Inquisição voltaria a subir a cota do pátio externo ao nível da base da escadaria para os andares altos dos inquisidores, que já está também marcada em planta e que se situava a um nível mais elevado do que está hoje. As consequências desta medida reverteriam no anulamento de estruturas prévias, incluindo a condenação do corredor fabricado pela Inquisição e que coincidiria em parte com a provável galeria do Colégio das Artes.

No ângulo que antecede o actual prolongamento, e neste piso térreo, surgem duas colunas jónicas castilhanas que definem um arco perpendicular à fachada. O achado (em completa desarticulação com o plano geral de Castilho e com orientação capitelar, agora de feição tratadística, com as volutas correctamente colocadas, ao contrário do que acontece com a colonata no pátio interior) justifica-se pelo reaproveitamento de elementos arquitectónicos já aparelhados (retirados de outro local) e que se revelaram úteis aquando da formação do patamar da escada dos inquisidores.

Acerca do conjunto a oriente no pátio nascente, que já vem assinalado nas plantas da Inquisição, pouco se sabe em concreto. Se não era credível que semelhante formação fosse projectada no Colégio das Artes em jeito de ala nascente deste pátio, pois este bloco avança

para norte de tal maneira que interfere na regularidade da fachada com as varandas do “lanço novo”, a verdade é que os surpreendentes achados descobertos recentemente vêm obrigar a reequacionar todo este espaço. A regularização do pátio, que estava apenas definida pelos lados norte e poente e que não estava concluída em 1555, nunca haveria de verificar-se. À Inquisição de nada serviria um segundo pátio regular. Aproveitou as construções que o predefiniam a norte e a poente, (re)edificou os blocos irregulares das casas dos inquisidores e do secretário a nascente (os antecedentes das construções actuais) e fechou-o a sul numa entrada ladeada pelo açougue e pela cocheira.

Nas obras de requalificação do Pátio da Inquisição encontraram-se, em 2002, no pátio externo, em paralelo à fachada poente e no estricto alinhamento do terceiro pilar mais a poente no bloco do refeitório, cinco pilares. Os três mais próximos do refeitório mantêm a base moldurada de 24 centímetros de altura e dois blocos aparelhados com 62 centímetros de frente, apresentando a face posterior com tratamento em curvatura. Os dois mais a sul são os mais danificados, mantendo-se apenas o embasamento a uma distância regular de 5,60 metros entre si. As sucessivas diferenças de cota a que este pátio externo já foi sujeito não permitem saber se o último encontrado a sul seria, na realidade, o último de uma sequência alinhada à qual se encosta, a nascente, uma fortíssima estrutura de muro, diversas vezes mutilado por obras relativamente recentes de implantação de carris ou de

8 : Colégio das Artes, vendo-se o alinhamento dos dois pátios.





9 | Coimbra, Pátio da Inquisição, autor não identificado, [195\_].

uma caixa de água. Indícios em planta fazem suspeitar do prolongamento do provável pórtico até um momento muito próximo da entrada a sul do pátio. O muro que se encosta a nascente apresenta, efectivamente, dois níveis bem demarcados pela zona superior da base dos pilares, onde se verifica ainda um elemento lateral de ligação. O nível mais baixo, que vai acompanhando os pilares numa actuação de respeito e complementaridade para com eles, é constituído por pedra ligada com terra argilosa, enquanto que o superior, utilizando genericamente um aparelho incerto de pedra ligada por argamassa de terra e cal, indicia uma intervenção mais forte que, apesar de manter a referência ao pórtico, é nitidamente posterior, como se pode verificar nos casos em que colide com os pilares provocando-lhes destruições pontuais.

Estes pilares encontram-se, em rigor, à mesma cota dos grandes pilares internos do refeitório (que descem abaixo das volutas a uma profundidade de 3,60 metros). Pela planta de 1634 do andar dos cárceres altos, o muro sem função evidente, onde se encosta a escada no pátio externo, vem no alinhamento do primeiro “tramo”, a poente no refeitório, e haveria de coincidir com a parede que rematava, para o lado do pátio externo, o bloco edificado entre os dois pátios. À sua frente se alinharia uma galeria porticada, numa definição de arcaria assente sobre pilares dotados também de colunas. A memória do corredor formado, que no Colégio das Artes ia direito ao refeitório, não a perdeu a Inquisição. Mantendo aquela área de circulação, começou por fortalecer o muro adossado aos pilares, já sem preocupações de uma visibilidade estética, para, muito rapidamente, desistir da ideia do corredor fechado. No curto espaço de tempo de cerca de cinquenta anos, o nível do pavimento do pátio externo foi substancialmente elevado, remetendo ao esquecimento a galeria porticada e fabricando a escada que ainda se mantém.

Mesmo que na área do pátio não se tenha descoberto qualquer estrutura que permita pensar na formação de uma galeria paralela a nascente (encontra-se apenas rocha a uma cota muito superficial), verificam-se claríssimas intenções de simetria programada a partir do grande bloco do refeitório. Estaria, assim, definido o segundo pátio do Colégio das Artes, com as mesmas preocupações no capítulo da racionalização do espaço, com a mesma vontade de ordenação e clareza, mas com um registo arquitectónico diferenciado. Preferencialmente, ao pátio interno caberiam funções lectivas; para o externo, e até ao momento em que a Inquisição o herdou, estariam reservados outros e diversos serviços. Face a esta política ordenadora do espaço, é lícito pensar na intenção inicial de encerrar também este pátio. Em 1555, na passagem para a Companhia de Jesus, (...) *el rey terná gastado en las obras de aquel collegio hasta aoara quinze mil ducados, y creo que aurá menester más de otro tanto para acabarse de hazer* (...) <sup>26</sup>; ou seja, as obras continuavam então em curso num projecto que nunca seria terminado. Os dois pátios, projectados à mesma cota, formariam então uma unidade rapidamente subvertida. Até hoje, o pátio externo permaneceu aberto na definição assumida pela Inquisição.

Na indefinição sobre a figura geométrica que surge a definir o pátio externo (o quadrado ou o rectângulo) ausenta-se, pelo menos na parte poente, a formulação da colunata jónica presente no pátio interno — entregue, no dizer de Serlio, aos (...) *letrados e aos homens de vida quieta e sossegada* (...). Mantém-se a articulação com este no ritmo sequencial dos pilares exteriores, cuja distância é a mesma que se verifica nos tramos interiores (5,60 metros), ou na correspondência entre as medidas dos blocos de pedra que formam os referidos pilares e os blocos que, no pátio interno, se assumem como contrafortes na marcação dos tramos.

Parece haver algumas possibilidades de que o projecto que Diogo de Castilho executou tenha sido *grosso modo* o de João de Ruão. O seu prestigiado defensor morreria demasiado cedo, mas, apesar das reacções negativas que o projecto suscitou, a hipótese de que André de Gouveia tenha tido a força suficiente para o impor continua pertinente. A novidade formal que nunca, até aí, Diogo de Castilho tinha desenvolvido de forma tão clara e sistemática, consiste na utilização da ordem jónica em que os corpos das volutas dos capitéis são intencionalmente virados para o pátio interno. Subvertendo a ordem clássica, e em articulação com o que João de Castilho fazia pela mesma altura nos dormitórios do Noviciado em Tomar<sup>27</sup>, conferia-se ao recinto amplo do pátio do Colégio das Artes um ângulo privilegiado de visão e aumentava-se o brilhantismo das fachadas<sup>28</sup>.

Pelo espaço do Colégio das Artes, com a breve ocupação pelos Jesuítas (1555-1565), passaria a longa permanência da Inquisição, a Guarda Nacional Republicana, os serviços camarários, ou o grupo de Teatro “A Escola da Noite” e a Casa para a Terceira Idade, saídas no ano de 2001. Em 2006, continua a aguardar-se a obrigatória intervenção capaz de conferir ao espaço a dignidade que o tempo lhe foi retirando.

#### Maria de Lurdes Craveiro

Historiadora da Arte  
Docente da Faculdade de Letras  
da Universidade de Coimbra

Imagens: 1: Divisão de Documentação Fotográfica/  
Instituto Português de Museus, José Pessoa, 1993;  
2: Instituto dos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo,  
José António Silva, 2006; 3 a 6: DGE/MN, Luís Ferreira  
Aves, 2006; 7: Autora; 8: DGE/MN, Francisco Piqueiro/  
Foto Engenharia, 2006; 9: ImagoTeCa/Câmara Municipal  
de Coimbra.

#### NOTAS

- Mário BRANDÃO — *Documentos de D. João III*, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1939, vol. III, p. 92. Esta será a carta tantas vezes invocada pelo mosteiro para, mais tarde, nas demandas que manteve com a Companhia de Jesus e a Universidade, reivindicar a posse dos dois antigos colégios.
- Mário BRANDÃO — Ob. cit., vol. III, pp. 108-117.
- Walter ROSSA — *DiverCidade. Urbanografia do Espaço Urbano de Coimbra até ao Estabelecimento Definitivo da Universidade*, Coimbra: s. n., 2001, pp. 673-762. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, texto policopiado.
- J. C. Aires de CAMPOS — “Cartas dos reis e dos infantes. Sobre varios assumptos tocantes ao mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra, à Universidade, e a alguns Collegios das Ordens Religiosas da mesma cidade, desde 1518 a 1571”. *O Instituto*, Coimbra: Imp. da Universidade, 1889, 2.ª série, vol. XXXVI, pp. 585-586.
- André de Gouveia detecta-se no Colégio de Santa Bárbara, em Paris, em 1522, tendo cerca de 25 anos. Em 1528, obtém o grau de mestre em Artes e começa aí a sua carreira docente, continuando os estudos em Teologia. Em 1530, ainda com a confiança do tio e com fama crescente de excelente administrador, assume o cargo de principal do Colégio de Santa Bárbara: Luís de MATOS — *Les Portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550*, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1950, pp. 50-51, 153; Mário BRANDÃO — *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes*, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1948, vol. I, pp. 138, 183-184; Roger TRINQUET — “Nouveaux aperçus sur les débuts du Collège de Guyenne, De Jean de Tartas à André de Gouveia (1533-1535)”. *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance*, s. l.: 1964, t. XXVI, p. 540.
- Carta de Diogo de Gouveia ao rei, datada de 3 de Fevereiro de 1544, citada em Marcel BATAILLON — “Sur André de Gouveia Principal du Collège de Guyenne”. *Revue Historique de Bordeaux et du Département de la Gironde*, Bordeaux, 1928, t. XXI, p. 60.
- Marcel BATAILLON — “Sur André de Gouveia...”. Ob. cit., p. 49; Charles HIGOUINET — “Bordeaux de 1453 à 1715”. In Robert BOUTRUCHE (dir.) — *Histoire de Bordeaux*, Bordeaux: Fédération Historique du Sud-Ouest, 1962-1974, t. IV, p. 189.
- Roger TRINQUET — “Nouveaux aperçus sur les débuts du Collège de Guyenne...”. Ob. cit., p. 539.
- Carta autógrafa de André de Gouveia (datada de 17 de Agosto de 1537) ao embaixador de Portugal na corte francesa, Rui Fernandes de Almada, o antigo feitor em Antuérpia, citada em Marcel BATAILLON — “Sur André de Gouveia...”. Ob. cit., p. 51.
- Maria de Lurdes CRAVEIRO — *A Arquitectura do Renascimento em Coimbra. Modelos e Programas Arquitectónicos*, Coimbra: s. n., 2002, pp. 191-199. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, texto policopiado.
- J. S. da Silva DIAS — *A Política Cultural da Época de D. João III*, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1969, vol. I, t. II, pp. 550-551.
- J. S. da Silva DIAS — Ob. cit., vol. I, t. II, p. 561. Dissertação para habilitação ao título de professor agregado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Cartas de André de Gouveia e João da Costa ao rei, de 13 de Março e 14 de Dezembro de 1548: Mário BRANDÃO — *O Processo na Inquisição de Mestre João da Costa*, Coimbra: Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra, 1944, pp. 275-277; António José TEIXEIRA — *Documentos para a História dos Jesuítas*, Coimbra: Imp. da Universidade, 1899, pp. 44-45.
- Mário BRANDÃO — *O Processo na Inquisição...*, p. 276.
- Rafael MOREIRA — “Arquitectura”. *Catálogo da XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura do Conselho da Europa*, Lisboa, 1983, vol. I, pp. 310-311.
- Mário BRANDÃO — *O Processo na Inquisição...*, p. 276-277.
- André de Gouveia morreria logo a 9 de Junho de 1548: Mário BRANDÃO — *O Colégio das Artes*, Coimbra: Imp. da Universidade, 1924, vol. I, p. 96.
- A. José TEIXEIRA (col.) — *Documentos para a História dos Jesuítas*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1899, p. 44.
- Em carta de 28 de Fevereiro de 1566, o cardeal D. Henrique escreve ao provincial da Companhia de Jesus: (...) *encomendados que façam concluir e acabar a dita mudança, e tanto que houver casas em que se possa ler, entreguem logo aos inquisidores o lanço do edificio novo, do dicto collegio das Artes, da maneira que vos cá disse, antes de vós partirdes, a saber: a ogeira e as classes novas com todo o mais aposento, que está no dicto lanço novo, sem disso lhes dardes papel nem escriptura alguma, somente as chaves, e o mais que nelle houver (...)*, A. José TEIXEIRA — Ob. cit., pp. 334-335. Ver, também, Maria de Lurdes CRAVEIRO — Ob. cit., pp. 207-210.
- Esta entrada pela Rua da Sofia situa-se junto da antiga Porta da Bica, por onde entravam os presos em direcção ao corredor e aos cárceres. No saguão, e acima do capitel de canto, define-se o cunhal que estabelecia o segundo piso na ala poente, o que deveria ser comum a todo o pátio.
- A. José TEIXEIRA — Ob. cit., p. 88; Mário BRANDÃO — *O Colégio das Artes*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924, vol. I, p. 350.
- Na visitação de 1592 estabelece-se (...) *que he necessario concertar-se o carcere da Inquisição em outra forma pera aver casas bastantes pera os muitos prezos que ha, e pera não se comunicarem huns com outros. Pello que avemos por bem, que se acrecente pella parte por onde ora se servem os Inquisidores pera a casa do despacho, tudo conforme á traça que se fez. E mandaremos dar ordem a se começar a ditto obra, começando-a pellas casas que de novo se hão-de fazer, pera a ellas se passem os presos enquanto se concertarem as casas em que ora estão (...)*. Joaquim Romero MAGALHÃES — “Em busca dos ‘tempos’ da Inquisição (1573-1615)”. *Revista de História das Ideias*, Coimbra, 1987, 9, I, p. 220.
- Rui Pedro LOBO — *Santa Cruz e a Rua da Sofia. Arquitectura e Urbanismo no Século XVI*, Coimbra: Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2006, p. 159.
- Walter ROSSA — Ob. cit., pp. 688, 693, 726-727, 730.
- Mário BRANDÃO — *O Colégio das Artes*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1933, vol. II, p. 294.
- Idem, ibidem*, vol. II, p. 294.
- (...) *Os leitos dispunham-se (...) perpendicularmente ao eixo maior da sala, e no aspecto funcional dessa assimetria reside a explicação para a à primeira vista insólita disposição dos capitéis jónicos, cujas volutas estão colocadas de lado para a entrada e com a frente voltada ao meio da sala, onde estaria colocado o observador: um refinamento óptico que seria mais tarde usado por Diogo de Castilho nas galerias do pátio do Colégio das Artes, também para estudantes de grau básico, fundado em Coimbra em 1548 (...)*, Rafael MOREIRA — *A Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal. A Encomenda Régia entre o Moderno e o Romano*, Lisboa: s. n., 1991, vol. I, p. 555. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa, texto policopiado.
- A interpretação desta situação insólita dos capitéis com a definição de uma galeria externa proporcionando uma visão longitudinal da arcaria que subsiste apresenta-se sem consistência: (...) *La singulière position des chapiteaux dont les volutes au lieu d'être tournées vers l'extérieur, comme d'habitude, sont perpendiculaires au mur (...), indique que leur point de vue n'était pas transversal mais longitudinal, c'est-à-dire que le grand passage ouvert au sud en forme de L ne continuait pas tout autour en définissant une enceinte fermée mais était une galerie de circulation externe - d'où l'inversion logique de l'orientation des colonnes - parallèle aux couloirs intérieurs et se prolongeant dans le corps central plus haut, qui est encore la façade principale de l'ensemble, où devait se situer le grand escalier d'entrée (...)*, Patrícia da Costa FERREIRA — “Lancien ‘Colégio das Artes’ de Coimbra”. *Revue de l'Art*, Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 2001-2003, n.º 133, p. 43.